

Conselheiros em destaque

Brasil e Espanha na Itália

Dois dos Conselheiros Editoriais de nossa Revista se encontraram em congresso na Itália, no mês de fevereiro. Luciano Nascimento (UEPB- Paraíba) e José Calvo (Universidade de Málaga-Espanha) estiveram juntos no Convegno Internazionale - Ecologia del Non- Sapere - del Centro di Studi Sul Rischio dell'Università del Salento, fundado por Niklas Luhmann e Raffaele De Giorgi. Na confraternização destes nobres professores, registrada em fotos e notas, nossa Revista De Fato e De Direito foi mencionada.

Atitude para ganhar altitude

José Eduardo de Miranda, nosso Conselheiro Editorial, é Ph.D. em Direito. Professor universitário, jurista e escritor, é membro do Grupo Internacional de Pesquisa International Association of Cooperative Law (AIDC)/Universidade de Deusto/Espanha; da Cátedra UNESCO de Formação de Recursos Humanos para América Latina, da Universidade de Deusto/Espanha; da Cátedra Euroamericana de Protección Jurídica de Los Derechos de Los Consumidores, da Universidade de Cantábría/Espanha; do Instituto de Estudos Cooperativos, da Universidade de Deusto/Espanha.

Recebeu o prêmio de melhor trabalho de pesquisa, conferido pela AIDC/ Universidade de Deusto/Espanha; e o prêmio Ortazadar de Literatura, concedido pelo Diário Deia, na Espanha.

O autor, que considera parte de seu desígnio colaborar com alunos e profissionais, para que suas escolhas sejam sinônimo de sucesso, após publicar "Mal dita facul..tô dentro, e agora", rapidamente esgotado, em julho, lançou SUSTENTABILIDADE EMOCIONAL: ATITUDE PARA GANHAR ALTITUDE. Ele define este trabalho como aquele "momento intimista para falar de inteligência, emoções e felicidade". Vale para todos os que buscam aprimoramento constante no cenário mundial em franca ebulição. Sob o selo Multifoco, a obra é assim apresentada:

"Existe uma fórmula para a felicidade? Por que algumas pessoas inteligentes não conseguem alcançar o sucesso? As emoções individuais afetam a produtividade de um grupo? Diante das exigências de um mundo em constante transformação, a inteligência cognitiva deve ser a principal responsável pelo triunfo pessoal. O equilíbrio das emoções e a cooperação emocional ganham protagonismo buscando o sucesso. Nesse sentido, José Eduardo de Miranda aborda, em SUSTENTABILIDADE EMOCIONAL, o redimensionamento das emoções individuais, exaltando as atitudes necessárias à realização plena de cada um, seja no universo pessoal ou corporativo."

La destreza de Judith, uma sensível reconstrução cultural do Direito pelas mãos de uma mulher.

José Calvo González (Sevilla, España. 1956), Conselheiro de nossa revista e Dr. em Direito pela Universidade de Málaga (España), Doutor Honoris Causa pela Universidade Ricardo Palma (Lima, Peru), é professor de Filosofia do Direito na Universidade de Málaga. Cultiva como linhas prioritárias de investigação “Teoria Narrativista do Direito”, “Direito e Literatura” e “Cultura Visual do Direito”. Entre seus trabalhos mais recentes estão *El escudo de Perseo. La cultura literaria del Derecho* (Edit. Comares, Granada, 2012), *Direito curvo* (Porto Alegre, 2013), *Marginalías jurídicas en el Smithfield Decretals*, Valencia, 2015), o *Justicia constitucional y Literatura* (Lima, 2016), bem como a coordenação e edição de *Derecho y Literatura hispánica* (Pisa-Roma, 2014), *De la Ley, ¿o será ficción?* (Madrid, 2016) y *Borges en el espejo de los juristas. Derecho y literatura borgeana*, Cizur Menor. Navarra, 2016), brinda a todos nós, seus leitores contumazes com novo livro: *La destreza de Judith*.

As breves palavras do autor sobre a obra nos deixam ainda mais ansiosos para lê-la na integralidade:

“Diría que los estudios de Cultura literaria del Derecho aquí reunidos bajo título de *La destreza de Judith* se calzan de las sandalias que deslumbraron los ojos de Holofernes y, aunque la figura y detalle de realce luminoso no haya sido revelado por la imaginación de los artistas, la idea de aquellas modestas pero seductoras sandalias me parece que suscita una metáfora valedera para los juristas, pues de su asombroso imperio también debería cubrirse la guía de los pasos de un jurista que no descamine el sendero que conduce al Triunfo del Derecho. Y, en ese sentido, creo que la Literatura es la mejor máquina para guarnecer esas sandalias. Un jurista, además, tampoco habría de perder de vista la hermosura del rostro de Judith, que sí han plasmado muy diversos pintores. He elegido conscientemente la virtuosa representación que de él nos ofrece Caravaggio. Allí su belleza, pienso, no está en la representación de los rasgos de un semblante juvenil –era Judith casi una adolescente todavía, en verdad preciosa-sino, más bien, en la mueca no insensible de su gesto. Así, el rostro figurado es hermoso no por servir de semblante a la gesta, sino por el gesto con que la encara. Ese gesto es la semblaanza de su destreza. La Cultura literaria del Derecho, como sucediera con Judith, se instala en una zona de inconfort. Por su vocación crítica planta cara a la domesticación hermenéutica del jurista. La Cultura literaria del Derecho acomete el desafío de descorrer el velo de la situación dogmática, como Judith irrumpiendo en la tienda de Holofernes para cambiar la situación de los sentenciados a la vergüenza y al despotismo. En consecuencia, asume miradas incómodas, miradas a la parte maldita del Derecho; a su raigambre (ideo)lógica, a la violencia de su función represiva, a la estética perversa de su arte cuando escinde desorden e injusticia, a su contracción del otro, a sus esclarecidas metáforas sobre el honor, a su prejuiciosa representación de la cohesión social incluso a la gratificación simbólica de su superioridad civilizatoria. La Cultura literaria del Derecho mira en esa parte maldita, y la mueca no insensible al observar el monstruo que el Derecho también lleva dentro es el gesto virtuoso –diestro– que salva y reconcilia ante dilemas de lealtad entre el Alma y la Ley. La Cultura literaria del Derecho revela y adiestra acerca de esos arduos dilemas electivos y sus paradojas.

Este libro, pues, elogia la destreza de Judith, y en su celebración la imita en mira a una reconstrucción cultural sensible del Derecho “por mano de mujer”, por mano de la Literatura.”